

E ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



www.editoracontexto.com.br



Sumário

Introdução.....	7
Os britânicos apoiavam Churchill unanimemente antes e durante a Segunda Guerra Mundial.....	9
FRANÇOIS KERSAUDY	
A derrota de 1940 da França era inevitável.....	27
MAURICE VAÏSSE	
Hitler antecipou um ataque de Stalin.....	39
JEAN LOPEZ e LASHA OTKHMEZURI	
Pearl Harbor, uma vitória japonesa.....	63
PIERRE GRUMBERG	
Rommel era um bom comandante.....	73
VINCENT ARBARÉTIER	

A Waffen-ss: soldados de elite.....	83
JEAN-LUC LELEU	
A Segunda Guerra Mundial, um assunto de homens.....	99
FABRICE VIRGILI	
O Exército italiano era ruim.....	119
HUBERT HEYRIÈS	
Os bombardeios aéreos venceram a Alemanha.....	137
PATRICK FACON	
Os camisas marrons morreram em vão.....	155
PIERRE-FRANÇOIS SOUYRI	
A França contribuiu para a vitória dos Aliados.....	165
JEAN-FRANÇOIS MURACCIOLE	
As armas milagrosas alemãs poderiam ter mudado tudo.....	187
PIERRE GRUMBERG	
A Alemanha perdeu a guerra por causa de Hitler.....	205
BENOIST BIHAN	
O Japão se rendeu por causa de Hiroshima.....	219
BRUNO BIROLI	
Os autores.....	237

Introdução

A Segunda Guerra Mundial é cada dia mais conhecida graças às pesquisas obstinadas dos historiadores, mas persistem ainda muitos mitos. Quantas pessoas cultas continuam acreditando que a derrota da França nos sombrios dias de 1940 estava predestinada, que Pearl Harbor atestou uma esmagadora vitória do Império nipônico sobre os Estados Unidos, que Rommel era um grande estrategista, que os soldados americanos não sabiam combater, que Hitler apenas antecipou um ataque de Stalin? Esses poucos exemplos – e a lista está longe de ser exaustiva – compõem um dicionário das ideias preconcebidas que, no entanto, os conhecimentos historiográficos mais recentes desmentem.

A persistência desses mitos, mesmo não sendo exatos, revela uma dificuldade: apesar de suas habilidades, os historiadores nem sempre conseguiram mostrar ao grande público os frutos de seus trabalhos. Isso também confirma que a propaganda da Segunda

Guerra Mundial causou danos para além da derrota total das forças do Eixo. De fato, tanto a imagem da “Raposa do Deserto” combatendo honrosamente quanto a fábula de uma economia potente e eficaz saíram diretamente do laboratório do dr. Goebbels, o devotado ministro do Führer, que se dedicou, nos anos sombrios, a louvar os méritos do marechal Rommel e os talentos do dr. Speer. Além disso, os grandes chefes civis e militares do Reich, assim como os líderes do Japão, evitaram dissipar a dúvida e preferiram apresentar a guerra que haviam travado de modo mais brando, em vez de descrevê-la dentro dos padrões de lucidez e veracidade. Assim, nenhum chefe da Wehrmacht reconheceu a participação de suas tropas no extermínio dos judeus na Europa, preferindo jogar o crime nas costas dos soldados políticos do Führer, a SS. Isso significa que o caminho que leva à verdade foi marcado por armadilhas, o que explica por que, às vezes, custou tanto trilhá-lo.

Os 14 capítulos desta obra buscam restabelecer alguns fatos trazendo à tona grandes mitos que, embora tenham sido considerados verdades incontestáveis, são errôneos. Sem esgotar o assunto, este livro busca contribuir para oferecer aos leitores o fruto das pesquisas mais recentes. Esperamos que os resultados – frequentemente inesperados – apaixonem e, talvez, surpreendam o leitor. Esse é nosso duplo desejo.

Jean Lopez e Olivier Wieviorka

Os britânicos apoiavam Churchill unanimemente antes e durante a Segunda Guerra Mundial

FRANÇOIS KERSAUDY

Vários fatores contribuíram para suscitar e perpetuar o mito citado no título deste capítulo. Por um lado, os movimentos e os governos exilados em Londres durante a guerra, frequentemente divididos e isolados, não puderam deixar de se espantar com a fachada de unanimidade apresentada por seus anfitriões britânicos. Por outro, as *Memórias da Segunda Guerra Mundial*, do próprio Churchill, ao apagar os desacordos e as divergências dentro e fora de seu governo, alimentaram essa impressão, fortalecida pela passagem do tempo. Por fim, graças ao desfecho vitorioso da guerra, aqueles que criticavam sua condução geralmente evitaram falar no assunto depois.

Antes de mais nada, trata-se de determinar quem estava envolvido e quando. Quando se fala dos “britânicos”, pensa-se imediatamente na opinião pública, mas isso inclui a imprensa, o Parlamento, os partidos, o governo, o gabinete de guerra e os chefes de Estado-Maior – sem esquecer o próprio monarca. Parece bem pouco provável que Churchill tenha contado com o apoio constante e indefectível de todos esses elementos do início ao fim da Segunda Guerra Mundial.

O MALDITO DO *ESTABLISHMENT*

Entre o final de 1936 e o começo de 1939, Winston Churchill é provavelmente o político menos popular da Grã-Bretanha, sobretudo em seu próprio partido. Desde que deixou o *Shadow Cabinet** no início de 1931, após uma divergência radical em relação à Índia, passou a ser um “deputado conservador de oposição”. Porém, discordou de seu partido e de todos os outros em questões relacionadas ao desarmamento, à política de defesa deficiente do governo, ao pacifismo do então primeiro-ministro Stanley Baldwin e, por fim, à política de apaziguamento do sucessor Neville Chamberlain. Tanto na opinião pública quanto no Parlamento, seus apelos ao rearmamento, seu apoio ao rei Eduardo VIII e sua oposição resoluta aos acordos de Munique o isolaram politicamente, de modo que, ao final de 1938, ele conta apenas com uma dúzia de aliados na Câmara dos Comuns, ainda que o apoio da maioria deles, como Anthony Eden e Alfred Duff Cooper, se mostre bastante discreto... O fato de que a política de Neville Chamberlain em relação a Munique também tenha sido aprovada pelo governo, pelos

* N.T.: Em tradução literal “gabinete sombra”, trata-se de um governo paralelo formado pelos partidos de oposição.

partidos, por quase toda a imprensa e grande parte da opinião pública britânica¹ explica amplamente o ostracismo em que se encontrava o deputado Churchill. Até mesmo em seu distrito eleitoral em Epping, constituiu-se um forte *lobby* para protestar contra sua oposição aos acordos de Munique.² Também o apoio público do rei Georges VI em pessoa à política de Chamberlain acentuou ainda mais o sentimento de isolamento de Churchill – sem, todavia, alterar sua oposição incondicional às ilusões do apaziguamento e às incoerências do rearmamento.

Foi a entrada dos alemães em Praga, seguida das primeiras exigências à Polônia, que começou a abrir os olhos de muitos no Parlamento, na imprensa, entre os intelectuais e nos meios empresariais – quando se percebe finalmente que a guerra é inevitável, que a Inglaterra não está preparada para ela e que Churchill vinha repetindo isso sem parar havia seis anos. Quando se vai enfrentar uma ditadura fortemente armada, pode-se ficar sem um velho guerreiro como Churchill? Alguns pensam que não, e seus discursos na Câmara dos Comuns encontram ouvidos mais receptivos, ao mesmo tempo que os grandes jornais começam, um após o outro, a exigir seu retorno ao governo: em abril, o *Daily Telegraph*, o *Evening Advertiser* e o *Sunday Pictorial*; em maio, o *News Chronicle*³ e o *Time and Tide*; em julho, o *Yorkshire Post*, o *Observer*, o *Sunday Graphic*, o *Daily Mail*, o *Evening Standard* e até o *Manchester Guardian*, que exorta o primeiro-ministro Chamberlain a “privilegiar o patriotismo às desavenças pessoais”.⁴

Não se trata realmente de desavenças pessoais – mesmo que haja muitas no *establishment* conservador. A verdade é que Chamberlain teme que o deputado de Epping domine rapidamente seu governo e considera, sobretudo, assim como seus ministros Simon, Hoare e Halifax, que o retorno de Churchill seria uma declaração de guerra a Berlim. Ora, apesar das nuvens ameaçadoras que se acumulam na

Europa, Chamberlain ainda busca a paz a qualquer preço – exceto a perda de seu posto. É por isso que seus emissários multiplicam, durante o verão, os gestos de conciliação com o Führer, enquanto pressionam discretamente os poloneses para que negociem com Berlim.⁵ Contudo, a ratificação do Pacto Germano-Soviético, em 23 de agosto de 1939, e a invasão da Polônia, em 1º de setembro, põem um fim brutal às ilusões oficiais: diante da perspectiva de uma sublevação em seu governo e em sua maioria parlamentar, Chamberlain não tem outra saída senão declarar guerra. Para todos, até para os adversários mais implacáveis de Churchill, é inconcebível enfrentar um conflito maior sem a participação do único político que conhece a guerra, não a teme e sabe como conduzi-la. Quando começa a Segunda Guerra Mundial, Winston Churchill é então nomeado ao posto que já ocupara um quarto de século antes: o de primeiro lorde do Almirantado.

Para Churchill, não haverá “guerra de mentira”: seus navios buscam impiedosamente a Kriegsmarine, sofrem perdas sensíveis, mas acabam por obter uma esmagadora vitória contra o encouraçado Graf Spee ao largo do rio da Prata. Seu ativismo, assim como seus discursos suntuosos no Parlamento e na BBC, produzem um excelente efeito sobre o moral dos cidadãos comuns, dos militares, dos deputados e até dos ministros. Suas intervenções constantes nos assuntos de seus colegas, bem como os múltiplos planos de ofensiva que ele propõe ao primeiro-ministro, certamente revigoram um governo pouco belicista, mas assustam um primeiro-ministro que quer evitar “provocar a Alemanha”, esperando confusamente que a guerra termine sem que ele precise travá-la de verdade... Como a maioria de seus ministros está igualmente exasperada com as intervenções bastante desordenadas do primeiro lorde em suas áreas de competências,⁶ é forçoso reconhecer que Churchill não goza de muita popularidade no governo. Ele é mais popular junto

à população, mas, em dezembro de 1939, uma pesquisa indica que 63,78% dos britânicos aprovam a política de apaziguamento de Neville Chamberlain – e que este é preferido como primeiro-ministro por 51,69%, contra apenas 30,27% a favor de Churchill (18% sem opinião).⁷

PRIMEIRO-MINISTRO NA FALTA DE OUTRO

Mas o início das operações efetivas de guerra no continente vai mudar essa situação: no começo de abril, tendo a Wehrmacht conquistado a Noruega em uma Blitzkrieg, o fraco corpo expedicionário britânico que tentará expulsá-la de lá, mas é vencido em Narvik e severamente derrotado próximo de Trondheim. A estratégia hesitante dos líderes britânicos e a falta de preparo de seus soldados são cruelmente revelados, criando um início de pânico na população e entre os representantes do povo. Todos veem se aproximar das ilhas britânicas o espectro repugnante da derrota, o que explica a queda de popularidade vertiginosa de Neville Chamberlain⁸ e a aspereza dos debates na Câmara dos Comuns em 7 e 8 de maio de 1940 – ao final dos quais o primeiro-ministro vai entregar sua demissão.⁹ Lorde Halifax é o sucessor mais aceitável para todos os partidos, mas ele se recusa, e o cargo acaba ficando com Winston Churchill – na falta de outro, de certo modo.

A chegada ao poder supremo do deputado e primeiro lorde Churchill não provoca grande entusiasmo no *establishment* político e administrativo britânico, conforme o testemunho de um secretário de Chamberlain, John Colville:

No nº 10 [da Downing Street], havíamos almejado que o rei chamasse lorde Halifax; mas foi Churchill o escolhido, e considerávamos com certa repugnância a chegada de seus vermes Bracken,

Lindemann e Desmond Morton.¹⁰ [...] O país tinha caído nas mãos de um aventureiro, brilhante, com certeza, e orador persuasivo, mas um homem cujos amigos e defensores não eram pessoas a quem se pudesse confiar a gestão das questões do Estado no momento de maior perigo. Raramente a posse de um primeiro-ministro terá suscitado tantas dúvidas no *establishment* e tanta convicção de que essas dúvidas se justificariam.¹¹

Como muitos de seus colegas, John Colville vai logo reconhecer seu erro: tendo formado um governo de coalizão do qual é chefe e ministro da defesa, Churchill decide transformar o país numa fortaleza. Sua energia é inesgotável e seus discursos arrebatam o país desde Westminster e Whitehall até o mais humilde lar das ilhas britânicas; suas inspirações, exortações e instruções fluem sem cessar aos secretários, ministros, funcionários, diplomatas e chefes de Estado-Maior. Quando os exércitos franceses e britânicos são severamente derrotados no final de maio de 1940, Churchill se apresenta como a garantia de uma luta sem fim contra o nazismo, independentemente das chances de êxito. No entanto, há algumas personalidades de primeiro plano no seu governo, como Chamberlain e Halifax, que se declaram discretamente a favor de negociações indiretas com Hitler. Porém, nas reuniões do gabinete de guerra entre os dias 26 e 28 de maio, a habilidade, a eloquência e a convicção do primeiro-ministro os reduzem ao silêncio.¹²

Até meados de 1940, o sucesso da retirada de Dunquerque, as peripécias da Batalha da França, a cooperação franca e leal dos ministros trabalhistas¹³ e a repercussão considerável dos discursos de Churchill na BBC e no Parlamento terminam por calar todas as oposições declaradas à sua política. Todavia, o mesmo não acontece com as oposições secretas, assim como relata, na noite de 17 de junho, o embaixador da Suécia, Björn Prytz, em um telegrama ao ministro das Relações Exteriores, Günther:

Em um encontro de hoje com [o subsecretário de Estado] Butler, ele me confirmou que [...] a atitude oficial da Grã-Bretanha seria por enquanto pela continuidade da guerra, mas me garantiu que nada seria negligenciado para concluir uma paz de compromisso, caso se apresentassem algumas possibilidades de conseguir condições razoáveis. *Stop*. Não se deixaria nenhum extremista impedir isso.¹⁴ *Stop*. [...] Durante o encontro, Butler foi convocado por Halifax, que me informou que o bom senso mais do que a bravata ditaria a política do governo britânico.¹⁵ [...] Ele acrescentou que isso não devia ser interpretado como uma busca de paz a qualquer preço. [...] De meus encontros com outros líderes parlamentares, parece resultar que se espera que perspectivas de negociações se apresentem num futuro próximo. *Stop*. Em algum momento após 28 de junho. *Stop*. Halifax poderia suceder a Churchill.¹⁶

UMA OPOSIÇÃO À ESPREITA

Evidentemente, isso não acontecerá e Halifax deverá até mesmo se desculpar, rejeitando pessoalmente as propostas de paz de Hitler em 22 de julho. Além disso, as provações da Batalha da Inglaterra, a bravura dos pilotos aliados, os discursos grandiloquentes de Churchill e suas visitas frequentes às populações atingidas aumentarão enormemente sua popularidade.¹⁷ No entanto, mesmo após o fracasso da ofensiva aérea alemã e dos primeiros sinais de abandono dos planos inimigos de desembarque, não faltam provas de uma surda oposição a Churchill no *establishment*. Como a do velho chefe liberal Lloyd George, que declara no outono: “Esperarei que Winston afunde”; numa carta ao duque de Bedford, ele preconiza “negociações de paz com a Alemanha após a Batalha da Inglaterra”.¹⁸ Churchill sabe, por experiência, que o mundo político não perdoa, e que muitos outros além de Lloyd George esperam os primeiros desastres militares para desestabilizá-lo e forçá-lo à demissão.

É verdade que a imprensa contribui muito para isso e, após o fracasso de Dakar, em setembro,¹⁹ ela critica o governo – a exemplo do *Daily Mirror*, que denuncia um “grande erro de cálculo” – e acrescenta: “Com Dakar, provavelmente atingimos o fundo do poço da imbecilidade.”²⁰ Entretanto, Churchill, consciente da influência da imprensa sobre uma opinião pública que dispõe de um mínimo de informações confiáveis, recrimina imediatamente seus detratores, declarando na Câmara dos Comuns, em 8 de outubro: “A crítica é quase sempre útil quando construtiva, rigorosa e bem informada. Mas o tom que se percebe em certos órgãos da imprensa – poucos, felizmente – quando evocam o episódio de Dakar e outras questões mais graves ainda, é tão agressivo e tão venenoso que seria quase indecente até mesmo se fosse endereçado ao inimigo.”²¹

Isso arrefeceu temporariamente o ardor dos opositores – tanto mais que, após a morte de Chamberlain, em novembro, Churchill lhe sucede na liderança do partido conservador –,²² mas ele sabe bem que sua continuidade como primeiro-ministro depende do sucesso das armas britânicas nos diversos teatros de guerra. Ora, nos primeiros meses de 1941, as vitórias são raras e as derrotas, numerosas, principalmente na Líbia, Grécia e Creta, onde os soldados de sua Majestade, pouco treinados e mal equipados, são forçados a retiradas e evacuações humilhantes. Entre maio e junho de 1941, muitos na Grã-Bretanha se queixam da condução das operações, o que se expressa sem rodeios na imprensa, nos clubes e nas sessões tumultuadas na Câmara.

Nessa época, lembra-se o general Sir John Kennedy, as críticas a Churchill eram ásperas e gerais. Afirmava-se que algo não funcionava no mecanismo de condução militar da guerra. [...] Falava-se de improvisação e de oportunismo. Dizia-se que [...], desde o princípio, as opiniões dos militares eram descaracterizadas e influenciadas pela temível eloquência de um primeiro-ministro que era, ao mesmo

tempo, testemunha, advogado de defesa e de acusação e juiz. Criticava-se também sua maneira de enviar instruções pessoais aos comandantes em chefe sem consultar os especialistas, assim como seu hábito de exaurir perigosamente os chefes de Estado-Maior.²³

O deputado Henry “Chips” Channon, temível língua afiada, também escreve em seu diário nessa época: “Aumenta o número de críticos de Churchill por todo lado. Sua popularidade está em queda livre e muitos de seus inimigos, reduzidos ao silêncio por muito tempo, recobram a voz. Ele foi seriamente atingido pela questão de Creta”.²⁴

A FORÇA DO VERBO

A vitória tem muitos pais, mas a derrota é órfã... Na Grã-Bretanha, é da Câmara que tudo depende; se ela deixar o governo em minoria, Churchill deverá pedir demissão. Mas o discurso que ele profere diante dos deputados, em 10 de junho de 1941, revela-se um verdadeiro *tour de force*:

Para poder fazer um julgamento racional sobre nosso dispositivo aéreo e sobre nossa incapacidade subsequente de atribuir um número suficiente de aviões para a defesa de Creta, seria preciso saber não somente qual o total de nossos recursos, mas também qual a situação em todos os outros teatros, estritamente interdependentes, e é inútil pretender julgar essas questões sem ter um conhecimento exaustivo de fatos que, evidentemente, não podem ser tornados públicos. [...] Vejo que alguns dizem que jamais deveríamos combater sem ter um apoio aéreo adequado. [...] Mas o que vocês fazem se não puderem tê-lo? Nem sempre podemos escolher entre uma solução boa e uma ruim; muitas vezes, precisamos escolher entre duas ruínas. E se vocês não podem ter todo o apoio aéreo desejável, vão abandonar, um após outro, setores estratégicos importantes? Outros me disseram que

deveríamos defender apenas lugares que temos certeza de conseguir manter. Mas, então, pode-se ter certeza do final da batalha antes mesmo de ter sido travada? E, nesse caso, o inimigo não obteria, sem combater, uma quantidade ilimitada de conquistas? [...] Combatendo obstinadamente para defender posições importantes, mesmo em condições desfavoráveis, não se ganha apenas tempo; faz-se uma resistência feroz à vontade do inimigo. [...] Creta era um bolsão muito importante em nossa linha de defesa; era como o forte de Douaumont, em Verdun, em 1916, ou a colina de Kemmel, em 1918. Ambos foram tomados pelos alemães, mas, nos dois casos, eles perderam a batalha e também a campanha e, no final, a guerra. Mas vocês têm certeza de que o resultado teria sido idêntico se os Aliados não tivessem combatido por Douaumont e pela colina de Kemmel? E pelo que mais teriam combatido? Não se pode julgar essas batalhas sem relacioná-las com toda a campanha. [...] Se um governo, em tempos de guerra, dá a impressão de que não tem condições de conseguir a vitória em definitivo, o que importam suas justificativas? Deve pedir demissão – desde que, naturalmente, se tenha certeza de encontrar outro capaz de fazer melhor. [...] Mas, se um governo é obrigado a ficar sempre olhando para trás por receio de ser atacado pelas costas, é impossível que consiga ver o inimigo.²⁵

Alguém teria expressado melhor as imposições e os dilemas que enfrenta um estrategista? Mas, naquele momento, são as últimas frases que produzem mais efeito sobre os honoráveis deputados, pois, sejam quais forem os resultados medíocres nos campos de batalha, não existe manifestamente ninguém em Londres para substituir Winston Churchill em seu duplo papel de primeiro-ministro e de ministro da Defesa...

Na verdade, é o próprio Adolf Hitler quem vai socorrer Churchill: em 22 de junho de 1941, quando sua Wehrmacht e sua Kriegsmarine pareciam progredir no Mediterrâneo e no Atlântico, o Führer muda bruscamente de estratégia e suas tropas

penetram profundamente na URSS. De Gibraltar à Alexandria, passando por Malta, Tobruk e Bagdá, as forças armadas britânicas assistem a um enfraquecimento considerável das forças do Eixo – ao passo que um novo aliado vem se associar, contra sua vontade, à coalizão anti-hitlerista. Para Churchill, esse reforço é apreciável, mesmo que lhe traga novos problemas de política interna: a mando de Moscou, os comunistas britânicos vão então montar uma incansável campanha, na imprensa e no Parlamento, para obrigar o primeiro-ministro a abrir um segundo *front* na Europa ocidental. Trata-se de aliviar igualmente os exércitos soviéticos, prejudicados pela implacável máquina de guerra da Wehrmacht. Mas é claro que, ainda lutando por sua sobrevivência, a Grã-Bretanha não tem recursos para passar à ofensiva na Europa...

Quando os Estados Unidos, atacados no Pacífico, entram em guerra, em 8 de dezembro de 1941, Churchill vê nisso de imediato o anúncio da salvação. Nessa guerra mecanizada, nada poderá resistir à potência da indústria americana. Porém, entre o final de 1941 e o início de 1942, a situação se agrava muito para a Grã-Bretanha: nos arredores de Singapura, ela perde seus dois únicos encouraçados no Extremo Oriente, o *Repulse* e o *Prince of Wales*; Hong Kong é ocupada, bem como a maior parte da Malásia; no Mediterrâneo, um cruzador e dois grandes encouraçados são afundados, enquanto, na Líbia, os alemães retomam a ofensiva e se preparam para tomar Bênzasi; por fim, no Atlântico, a frota aliada sofre perdas sem precedentes.²⁶

Após retornar dos Estados Unidos, o primeiro-ministro vai precisar defender novamente seu governo das críticas dos parlamentares, assustados com tantos desastres. Os debates que se iniciam em 27 de janeiro de 1942 culminaram com um voto de confiança, e alguns esperam que fossem tão fatais como haviam sido para Chamberlain

vinte meses antes. Mas, ao final de dois dias de ásperas disputas, Churchill continuava sendo um mestre em sua arte:

Há pessoas que falam e se comportam como se tivessem antecipado essa guerra e a tivessem cuidadosamente preparado, acumulando vastos estoques de armamento. Mas não é nada disso. Durante dois anos e meio de combate, mal conseguimos manter a cabeça fora d'água. Quando fui chamado a assumir o posto de primeiro-ministro, quase não havia outros candidatos ao emprego. Desde então, sem dúvida, o mercado melhorou um pouco: apesar da vergonhosa negligência, da indecente desordem, da flagrante incompetência, da beata suficiência e da incúria administrativa de que nos censuram diariamente, começamos a avançar. [...] Jamais tivemos recursos e jamais poderíamos ter tido recursos para combater sozinhos a Alemanha, a Itália e o Japão simultaneamente. [...] Eu me esforcei para expor a situação à Câmara dentro das considerações possíveis de segurança pública. [...] Não devo desculpas, nem escapatórias, nem promessas, [...] mas, ao mesmo tempo, manifesto minha confiança, mais forte do que nunca, em um desfecho desse conflito que se revelará altamente favorável à melhor ordem mundial futura.²⁷

É possível avaliar seu talento oratório ao saber que, tendo começado a sessão com uma câmara hostil, Churchill terminou seu discurso obtendo a confiança de 464 votos contra 1. De fato, os honoráveis deputados tiveram de se render mais uma vez à evidência: se é difícil resistir às forças do Eixo, é impossível substituir Churchill no meio do combate...

Apesar de tudo, muitos políticos continuam a desejar isso, tais como Lloyd George, o deputado trabalhista Aneurin Bevan, o ex-ministro da Guerra Hore-Belisha e o embaixador e ministro marxista Stafford Cripps.²⁸ Após a queda de Singapura, Rangun e Tobruk, quando o prestígio de Churchill como chefe militar está

mais em baixa do que nunca e a imprensa o ataca impiedosamente,²⁹ eles pensam que sua hora chegou. Em 1º de julho de 1942, na Câmara dos Comuns, o deputado conservador sir John Wardlaw-Milne apresentou uma moção de censura expressando “a falta de confiança da Câmara na direção central da guerra”, acusando depois Churchill de intervir intempestivamente na estratégia; ele propõe de imediato a separação das funções de primeiro-ministro e de ministro da Defesa, assim como a designação de um generalíssimo. Mas, para ocupar esse posto, sir John indica o nome do duque de Gloucester, um amável membro da família real muito despreparado para exercer uma função dessas!³⁰ Isso provoca uma certa perplexidade na assembleia, que aumenta visivelmente quando o velho herói de Zeebrugge, sir Roger Keyes, errando um pouco o alvo, concentra seus ataques no Comitê dos chefes de Estado-Maior e declara em resposta a uma pergunta: “A demissão do primeiro-ministro seria um desastre lamentável.” Nos debates que se prolongam até às 3h da manhã, lorde Winterton encontra argumentos mais convincentes, estigmatizando as divergências ministeriais, as deficiências materiais e os erros estratégicos; no dia seguinte, é acompanhado pelo deputado trabalhista Aneurin Bevan, que, num discurso venenoso, salienta que “o primeiro-ministro ganha todos os debates e perde todas as batalhas”, mas acaba ridicularizado quando propõe confiar o comando das operações em campo a generais tchecos, poloneses ou franceses. Sir Hore-Belisha conclui lembrando as numerosas derrotas sofridas no passado e censurando o primeiro-ministro por sua falta de discernimento, mas também comete um erro fatal ao se estender longamente sobre a má qualidade das armas britânicas, concebidas na época em que ele próprio era ministro da Guerra...

Dessa vez, Churchill é o último a falar, e o fará por mais de duas horas com uma tenacidade inigualável:

No decorrer deste longo debate que está terminando, [...] todos os argumentos imagináveis foram utilizados para minar a confiança no governo, para provar que os ministros são incompetentes e fazê-los duvidarem de si próprios, para inspirar no exército a desconfiança do poder civil, para levar os operários a perderem toda confiança nas armas que eles se esforçam para fabricar, para apresentar o governo como um amontoado de nulidades, dominado pelo primeiro-ministro, e para comprometer a imagem deste a seus próprios olhos e, se possível, aos da nação.

Segue uma defesa modelar dos generais, dos ministros, dos diplomatas, dos soldados, das estratégias seguidas e da qualidade dos materiais de guerra. Depois disso tudo, ele retoma a ofensiva:

Não se pode esperar que os generais corram riscos sem a garantia de serem apoiados por um governo forte, sem saber que não precisam olhar por cima dos ombros e nem se preocupar com a retaguarda, sem ter o sentimento de que podem concentrar toda sua atenção no inimigo. E acrescento que não se pode esperar que um governo corra riscos sem a garantia de ser apoiado por uma maioria sólida e leal. Em tempos de guerra, se vocês querem ser bem servidos, precisam oferecer em troca lealdade. [...] O dever da Câmara dos Comuns é apoiar o governo ou mudá-lo. Se ela não pode mudá-lo, deve apoiá-lo. Em tempos de guerra, não há outra solução [...]. Cada um dos seus votos vai contar. Se o número daqueles que nos atacaram é reduzido a uma quantidade negligenciável [...], então não se enganem, serão ouvidas as aclamações de todos os amigos da Grã-Bretanha e de todos os fiéis servidores de nossa causa, ao passo que o som do desespero será ouvido por todos os tiranos que buscamos derrubar.³¹

Como resistir a tal eloquência? Na noite de 2 de julho, a moção de censura é rejeitada por 475 votos a 25. Essa será a última tentativa de desestabilização política do governo Churchill até o fim da guerra. Isso ocorre porque no vasto campo de batalha do

mundo, o destino irá progressivamente mudar seu curso: Midway, El-Alamein, Argel, Stalingrado, Túnis, os desembarques na Sicília, na Normandia e em Leyte serão marcos na recuperação aliada e no declínio das forças do Eixo. Entre o outono europeu de 1942 e a primavera de 1945, Churchill, habilmente acompanhado – e firmemente guarnecido – por seus ministros, diplomatas e chefes de Estado-Maior,³² vê sua posição reforçada no país, enquanto, fora dele, ela se enfraquece progressivamente em uma coalizão aliada, agora dominada pelos americanos e pelos soviéticos. Contudo, em maio de 1945, quando a Alemanha é vencida, a popularidade de Churchill na Grã-Bretanha atinge seu auge,³³ sua posição parece inquebrantável e ninguém – nem mesmo os trabalhistas³⁴ – duvidam que ele levará os conservadores à vitória nas próximas eleições.

RETRATAÇÃO

Entretanto, na política e na guerra, o mais inesperado é sempre o mais certo. Enquanto muitos ministros, deputados, jornalistas, sindicalistas, diplomatas e militares se haviam oposto ao primeiro-ministro Churchill nos dias mais sombrios do conflito, uma confortável maioria da opinião pública sempre havia aprovado sua ação.³⁵ Ora, é precisamente esse firme apoio que vai sumir nas eleições de julho de 1945. Muitas razões convincentes foram levantadas para explicar esse fenômeno. O general De Gaulle não se mostrará surpreso com isso:

Para os espíritos levados às ilusões do sentimento, essa desgraça, repentinamente infligida pela nação britânica ao grande homem que a levava gloriosamente à salvação e à vitória, podia parecer surpreendente. Não havia ali, no entanto, nada que não estivesse de acordo com a ordem das coisas humanas.³⁶

De fato, se os povos são reticentes em se colocar nas mãos dos grandes homens durante as tormentas, tendem a se voltar contra eles na primeira calmaria – e, no caso de Churchill, fazem isso até mesmo antes do final da Segunda Guerra Mundial. *Quod erat demonstrandum...*

NOTAS

- ¹ De 52,8% em dezembro de 1938 a 56,6% em abril de 1939 (Bipo, *British Institute of Public Opinion*, 1938 to 1946, UK Data, University of Warwick, # 53 to 57).
- ² Martin Gilbert, *Winston S. Churchill*, vol. v, Londres, Heinemann, 1976, p. 1012.
- ³ Em 10 de maio, o *News Chronicle* publicou uma sondagem indicando que 56% das pessoas interrogadas desejavam a inclusão de Churchill no governo (26% contra e 18% sem opinião).
- ⁴ *Manchester Guardian*, 3 de julho de 1939. Sob a pressão do Parlamento e de alguns ministros, Chamberlain teve de aceitar a aplicação de três medidas que Churchill preconizava havia dois anos: a conscrição, a nomeação de um ministro do Abastecimento e o início das negociações com a URSS; mas tudo isso foi feito com tal falta de entusiasmo que praticamente garantiu sua ineficácia.
- ⁵ A fim de não precisar aplicar a garantia imprudentemente dada à Polônia no mês de abril.
- ⁶ Ou de incompetências, conforme o caso.
- ⁷ BIPO, 1938 to 1946, *op. cit.*, # 65, December 1939.
- ⁸ Apenas 32,75% das pessoas interrogada em maio de 1940 aprovavam a política de Chamberlain, contra 59,78% que a desaprovam. (BIPO, *op. cit.*, # 69, May 1940.)
- ⁹ Ele não foi descartado, já que 281 deputados votaram a favor de seu governo e 200 foram contra. Mas estes últimos compreendiam 33 conservadores, ao passo que outros 60 se abstiveram. Diante dessa desconfiança manifesta, Chamberlain compreendeu a necessidade de formar um governo de coalizão para conduzir a guerra, mas os trabalhistas e os liberais se recusaram a fazer parte dele enquanto Chamberlain o liderasse.
- ¹⁰ Lorde Halifax, modelo de moderação, os qualificará de “gângsteres”.
- ¹¹ John Wheeler-Bennett (ed.), *Action This Day, Working with Churchill*, Londres, Macmillan, 1968, p. 49.
- ¹² CAB 65/13, WM (40) 139, 151, 179, 180, 187; 26-27/5/40 (Confidential Annex); WM (40) 145/1, 28/5/40.
- ¹³ Principalmente Attlee, Greenwood e Bevin, sendo os dois primeiros parte do gabinete de guerra.
- ¹⁴ Alusão transparente ao próprio Churchill.
- ¹⁵ O embaixador reproduz em seguida a declaração de Halifax em sua versão original: “*Common sense and not bravado would dictate the British government’s policy*”.
- ¹⁶ Chiffer-London-UD 723, 17/6. HP 39 A, Telegrammet Prytztil UD/Gunther, 17/6/40. Reproduzido em Wilhelm Carlgren, *Svensk Utrikespolitik 1939-1945*, Estocolmo, Allmanna Forlaget, 1973, p. 194.
- ¹⁷ Eram 87,36 % de aprovação em julho de 1940... (Bipo, *op. cit.*, # 71, July 40.).
- ¹⁸ Colin Cross (ed.), *Life with Lloyd George*, Londres, Macmillan, 1975, p. 281; David Reynolds, *From World War to Cold War*, Oxford, Oxford University Press, 2006, p. 79.
- ¹⁹ Entre 23 e 25 de setembro de 1940, uma força naval britânica levando elementos franceses sob o comando do general De Gaulle tenta obter a adesão de Dakar à França livre, mas ela se choca com uma resistência tenaz dos vichystas do governador Boisson e deve finalmente se retirar com perdas sensíveis.
- ²⁰ *Daily Mirror*, 27 de setembro de 1940. Encontram-se artigos igualmente virulentos no *Times*, *Evening Standard*, *Daily Mail*, *New Statesman*, *Guardian* e *Observer*.

- ²¹ House of Commons, Parliamentary Debates, v. 365, col. 298-301, 8/10/40.
- ²² Enquanto os *appeasers*, lorde Halifax e Samuel Hoare, estão exilados em Washington e Madri, respectivamente.
- ²³ John Kennedy, *The Business of War*, Londres, Hutchinson, 1957, p. 114 e 115.
- ²⁴ Robert Rhodes James (ed.), *Chips, the Diaries of Sir Henry Channon*, Londres, Weidenfeld & Nicolson, 1967, p. 307.
- ²⁵ Robert Rhodes James (ed.), *Winston S. Churchill, His Complete Speeches*, v. 6, Londres, Chelsea House, 1974, p. 6408-6423.
- ²⁶ Trinta e um navios só no mês de janeiro de 1942.
- ²⁷ Robert Rhodes James (ed.), *Winston S. Churchill, His complete Speeches*, v. 6, *op. cit.*, p. 6559, 6573, 6578.
- ²⁸ Desde seu retorno da URSS no início de 1942, Cripps não esconde sua ambição de substituir Churchill.
- ²⁹ Particularmente *Daily Mirror*, *Manchester Guardian*, *Times*, *News Chronicle*, *New Statesman* e, é claro, *Daily Worker*.
- ³⁰ Robert Rhodes James (ed.), *Winston S. Churchill, His complete Speeches*, v. 6, *op. cit.*, p. 6645, 6656, 6657, 6659, 6661. Como dois anteriores, esse discurso de Churchill faz parte de seus mais notáveis discursos, de seus menos conhecidos... e de seus mais combativos em relação a seus oponentes.
- ³¹ Que mataram na raiz muitas inspirações estratégicas potencialmente catastróficas.
- ³² Eram 83 % de opiniões favoráveis. (Bipo, *op. cit.*, # 126, May 45.)
- ³³ E menos ainda Stalin, especialista em matéria eleitoral, que está convencido de que Churchill fez o possível para trapacear na consulta seguinte...
- ³⁴ Segundo as sondagens, sua popularidade entre maio de 1940 e maio de 1945 nunca ficou abaixo de 78% – com picos muito superiores após novembro de 1942.
- ³⁵ A popularidade adquirida pelos trabalhistas graças a seu trabalho no governo de coalizão; a campanha inutilmente agressiva feita pelos conservadores e seu chefe – suspeita, além disso, de querer estender a guerra na URSS; a maior atratividade do programa trabalhista, que promete mais moradia, serviços médicos e emprego para todos; enfim, o voto de protesto dos militares, que responsabilizam o partido conservador por não ter conseguido evitar a guerra e por tê-los mobilizado por seis longos anos.
- ³⁶ Charles de Gaulle, *Le Salut*, Paris, Plon, 1959, p. 203 e 204.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

- Colville, John, *The Fringes of Power*. Londres: Hodder & Stoughton, 1985.
- Gilbert, Martin, *Winston S. Churchill*. v. 6 e 7. Londres: Heinemann, 1983 e 1986.
- Hastings, Max, *Finest Years*. Londres: Harper Collins, 2009.
- James, Robert Rhodes (ed.), *Chips, the Diaries of Sir Henry Channon*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1967.
- James, Robert Rhodes (ed.), *Winston S. Churchill, Hiscomplete Speeches*, v. 6. Londres: Chelsea House, 1974.
- Kennedy, John, *The Business of War*. Londres: Hutchinson, 1957.
- Manchester, William e Reid, Paul, *The Last Lion*. Boston: Little, Brown & Co., 2012.